

# Imagens da cidade, imagens construídas: as contradições da modernidade

Edilaine Custódio Ferreira

Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Educadora social da Prefeitura Municipal de Maringá. Autora de, entre outros artigos, "Raízes do Brasil: uma interlocução entre Simmel, Weber e Sérgio Buarque de Holanda". *Revista Urutágua (Online)*, n. 5, 2004.

## RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o discurso produzido pelo jornal "O Diário do Norte do Paraná" a partir do estudo da imagem fotojornalística, observando o papel da fotografia utilizada pelo jornal, compreendendo-a enquanto produtora de sentido. Contempla-se uma discussão metodológica atrelada à imagem veiculada pelo jornal e a notícia a ela relacionada. O recorte temático privilegiará uma breve discussão a respeito de uma imagem publicada no referido periódico.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotojornalismo; metodologia de análise; Jornal "O Diário do Norte do Paraná".

## ABSTRACT

This article aims to analyze the discourse produced by the local newspaper "O Diário do Norte do Paraná" from the study of the photojournalistic image, considering the photograph role in the newspaper and understanding it as a meaning producer. A methodological approach is pondered regarding the image and the new observed on the newspaper. The mentioned theme focus a brief discussion about a picture published in the journal.

**KEYWORDS:** photojournalism; methodology of analysis; newspaper "O Diário do Norte do Paraná".

Recebido em: 19/07/2009

Aprovado em: 15/09/2009

## Imagens da cidade, imagens construídas: as contradições da modernidade

Olhar apenas para uma coisa não nos diz nada. Cada olhar leva a uma inspeção, cada inspeção a uma reflexão, cada reflexão a uma síntese, e então podemos dizer que com cada olhar atento, estamos teorizando. Goethe

Utilizar o fotojornalismo como recurso para o trabalho do historiador implica em reconhecer esta documentação enquanto portadora de discursos, que traz em si a necessidade de decodificação. Faz-se necessário a utilização de metodologias específicas que possibilitem um olhar além das representações midiáticas, identificando os desvios e distorções no documento (ZANIRATO, 2005, p.16-17).

Zanirato (2005, p. 18-19) observa que a leitura da imagem é um processo criativo. Ler a imagem significa dispor da informação cultural de que o leitor porta. Este usará todo o repertório destas informações. O trabalho de leitura da imagem deve levar em conta uma gama de competências e habilidades: sensoriais, perspectivas, psicológicas, culturais, históricas, cognitivas, entre outras. São necessárias algumas convenções para aprofundamento da análise da fotografia para decodificação de uma imagem fotográfica.

Neste artigo, inicialmente, serão feitas algumas considerações teóricas a respeito do tratamento metodológico que tal fonte requer e, em seguida, a análise propriamente dita.

No texto *A Teoria da Imagem Periodística*, Lorenzo Vilches chama a atenção para a necessidade de aprofundamento e de sistematização dos estudos sobre a imagem, principalmente a relação imagem/leitor. O autor atribui a falta de estudos a dois fatores:

O primeiro situa-se no vazio interdisciplinar onde a semiótica e a retórica da imagem ainda estão buscando autonomia e consolidação teórica e por outro lado, a dificuldade de se produzir nessas disciplinas, trabalhos que sejam acessíveis a um público amplo, que reduzam ao mínimo a terminologia e a explicação teórica, e que ao mesmo tempo possam assentar-se sobre bases solidamente científicas (VILCHES, 1993, p.15).

Por conseguinte, a fotografia deve ser tratada como um “material” carregado de informações, símbolos e idéias que chegam até nós a partir de nossa concepção das questões sociais. Para Vilches, cada leitor entende a mensagem imagética de uma determinada forma, identifica-se com ela de acordo com suas experiências de vida. Por isso é que em alguns casos a emoção pode até mesmo causar ilusões ópticas, pois, “o que vemos, nem sempre é o que o nosso olho registra” (VILCHES, 1993, p.16).

De acordo com Lorenzo Vilches (1993, p.169) o jornal é um veículo de discurso social, portador de opiniões e idéias, é, portanto, um veículo do “saber” sobre o meio social, que se encontra modalizado por diversas estruturas discursivas, entre elas as de “fazer crer”, o que constitui a base da persuasão. Além disso, segundo esse mesmo autor, o periódico representa e transmite escala de valores e modelos de comportamento social,

moral, político, etc., “pelo que também se pode caracterizar como um discurso sobre o “saber fazer”.

Por detrás de toda notícia registrada há uma “visão de mundo” dos jornalistas e dos proprietários do jornal, de modo que as reportagens precisam ser avaliadas enquanto linguagens produtoras de significados em relação a uma situação contextualizada historicamente (CAPELATO, 1989).

Embora a fonte jornalística não possa ser tomada como verdade, não significa que possa ser classificada como um documento falso em si, mas “como uma construção que pretende ser verdadeira” (ALVES, 1996, p.34). Para isso é importante perceber como e por que a notícia foi produzida, quais foram as condições de sua produção, qual a conjuntura em que esta aconteceu.

O jornal é um meio de comunicação social, portador de estratégias comunicativas e persuasiva que se manifestam através da articulação texto/imagem, de modo que as fotografias que acompanham as reportagens não são meramente ilustrativas, mas narrativas que clamam pela eficácia do convencimento (ESSUS e GRINBERG, 1994, p.141). Essa questão remete a necessidade de se conhecer também os procedimentos metodológicos para o trato com as fotografias em geral e com as fotografias jornalísticas, em particular.

Segundo Vilches, a aparente mecanicidade da câmera fotográfica acaba reforçando as “possibilidades de ficção e ilusão” da realidade,

[...] porque a máquina fotográfica é um objeto privilegiado para produzir sentido, para dar significado às coisas; é também um instrumento semiótico, como a palavra, como a escrita” (idem, p.20).

Nesse sentido, um estudo a respeito só é

possível através de um trabalho que leve em consideração não apenas a imagem fixada no material fotográfico, mas também que se faça leitura da fotografia como um texto ligado ao contexto de sua produção, ou seja, a fotografia pode cristalizar um discurso produzido pelo poder oficial.

De acordo com Jacques Aumont, o estudo da relação espectador/imagem, de forma alguma pode ser abordado a partir de uma concepção universal, pois os sujeitos vivem em tempos e espaços construídos historicamente. Desse modo:

além da capacidade perceptiva entram em jogo o saber, os afetos, as crenças que por sua vez, são muito modeladas, pela vinculação a uma região da história (a uma classe social, a uma época, a uma cultura). Entretanto, apesar das enormes diferenças que são manifestadas na relação com uma imagem particular, existem constantes consideravelmente trans-históricas e até interculturais, da relação do homem com a imagem em geral (AUMONT, 1995, p.77).

É a partir da possibilidade dessa perspectiva geral que Aumont analisa o espectador, partindo de um questionamento que nos é essencial: “O que as imagens nos trazem? Por que elas existiram em quase todas as sociedades humanas? Como são olhadas?”.

Para Aumont, a imagem nunca é produzida sem finalidade, porém com um determinado fim, seja para uso individual ou coletivo. Procurando entender mais profundamente a produção das imagens, o autor a vincula ao “domínio” do simbólico, pois acredita que a simbologia sirva de mediadora entre espectador e a realidade. Procurando responder as três questões acima, Aumont atribui três características à imagem: a simbólica, a epistêmica e a estética. A respeito do campo simbólico (e aqui o autor é um tanto quanto incisivo), argumenta que

“inicialmente” as imagens teriam sido utilizadas apenas como símbolos religiosos.

No campo epistemológico, a imagem situa-se como portadora de “informações sobre o mundo, que pode assim ser conhecido, inclusive em alguns de seus aspectos não visuais”. No que se refere à estética, acredita que a imagem seja destinada “para agradar seu espectador, ao oferecer-lhe sensações específicas”.

Desse modo, o caminho trilhado por Aumont é o de que, imagem e espectador são parceiros e atuam juntos num jogo duplo, em que “o espectador constrói a imagem” e em contrapartida, “a imagem constrói o espectador”. É justamente a partir desse ponto de vista inspirado na teoria proposta por Gombrich (1965), sobre as formas de investimento psicológico que atuam na imagem: reconhecimento e rememoração, que Aumont desenvolve sua concepção de imagem, acreditando que ela tenha “por função primeira, garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual”. Assim sendo, a dicotomia entre reconhecimento e rememoração:

coincide com a distinção entre função representativa e função simbólica, de que é uma espécie de tradução em termos psicológicos; uma, puxando mais para a memória, logo para o intelecto, para as funções de raciocínio, e a outra para a apreensão do visível, para as funções mais diretamente sensoriais (AUMONT, 1995, p.81).

Em síntese, para Gombrich:

o papel do espectador é extremamente ativo: construção visual do reconhecimento; emprego dos esquemas de rememoração, função de uma com a outra para a construção de uma visão corrente do conjunto da imagem. Compreende-se porque esse papel

do espectador é tão central para toda a teoria de Gombrich: é ele quem faz a imagem (AUMONT, 1995, p.90).

Segundo Boris Kossoy, a análise mais aprofundada da fotografia requer que se faça uma divisão em dois campos: o técnico e o iconográfico. Todavia, adverte que tal divisão dá-se apenas para fins didáticos. Na verdade, tanto a análise técnica, quanto a iconográfica são importantes recursos de um mesmo processo de pesquisa, processo esse que nos possibilita obter alguns elementos do passado, para que possamos criar hipóteses a respeito de um determinado lugar ou época. No entanto, essa “confirmação”, só é possível através de um cruzamento de informações, de fontes de teorias.

Utilizando os estudos de Pierre Bourdieu (1965), Leite entende que é possível captar informações que não são visíveis na fotografia. Assim:

Um conhecimento preexistente da realidade representada na imagem mostrou-se indispensável para o reconhecimento do conteúdo da fotografia. Essa apreensão requer, além de aguçados mecanismos de preservação visual, condições culturais adequadas, imaginação, dedução e comparação dessa com outras imagens para que o intérprete possa se constituir um receptor competente. É que, entre a imagem e a realidade que representa, existe uma série de mediações que fazem com que ao contrário do que se pensa habitualmente, a imagem não seja restituição, mas reconstrução – sempre uma alteração voluntária ou involuntária da realidade que é preciso aprender a sentir e ver [...] (LEITE, 1998, p.40).

Segundo Miriam Leite, a fotografia permite que se lhe atribua diferentes significados “que interferem na codificação e nas possíveis decodificações da mensagem transmitida”. De acordo com a autora, a análise da prática fotográfica e dos

significados da imagem podem revelar comportamentos coletivos e experiências de vida, portanto, esse recurso enriquece em grande parte a pesquisa na área das Ciências Humanas.

Maria Sylvania Porto Alegre acredita que um dos problemas centrais que ainda precisa ser enfrentado pelo pesquisador se refere à questão da objetividade/subjectividade. Muitos pesquisadores utilizaram esse recurso de forma positivista, ao conceber a fonte imagética enquanto "documento-verdade". Porto Alegre ressalta a importância do estudo semiológico para o tratamento da imagem. Desse modo entende que:

Precisamos dominar melhor a problemática visual do símbolo e sua linguagem para alcançar uma compreensão mais adequada do lugar da imagem na consciência humana e na cultura [...] das funções ícones na vida social (ALEGRE, 1998, p.79).

### Análise da imagem

A imagem que analisarei a seguir foi publicada no jornal *O Diário do Norte do Paraná* no dia 17 de abril de 2004, em um

final de semana (sábado).

A fotografia é de um jovem que se encontrava apreendido e, segundo o jornal, seria dependente de substâncias psicoativas (Thinner). É o destaque maior da primeira página acompanhado da manchete: **Viciado fere vítima para se drogar**, logo abaixo, aparecem duas fotografias menores, uma abordando a questão dos acidentes de trânsito, que vem tornando-se um grave problema na cidade de Maringá, resultando num crescente número de vítimas (fato bastante noticiado no momento). A foto ao lado aborda protestos de motoristas que no momento estavam enfrentando demasiada demora para descarregar a carga de soja no Porto de Paranaguá. A manchete principal "Vacina previne gripe em idosos", aparece sem destaque, seguida pela foto aqui analisada.

O ângulo escolhido pelo fotógrafo dá destaque às mãos do jovem que aparecem em primeiro plano entre as grades da cela. As mãos apresentam-se bastante feridas e queimadas, devido ao uso contínuo de Thinner, segundo a reportagem. O rosto do jovem aparece em segundo plano, com uma



Fotografia publicada em 17 de abril de 2004. Fotógrafo Walter Fernandes

expressão sonolenta, cabisbaixo, causando a impressão de ainda estar sob efeito do solvente. A temática da fotografia, reforçada pelo ângulo em que essa foi produzida e pela submanchete (olho da notícia), causa-nos a impressão da imagem ter sido posada, sob orientações do fotógrafo. Note-se que o destaque refere-se às marcas que o Thinner teria deixado nas mãos do jovem, segundo informa a reportagem: "Nas mãos de Luiz Carlos." As marcas evidenciam o consumo diário de Thinner – ele diz que começou a se drogar aos dez anos de idade".

A afirmação de que a foto pode ter sido posada fundamenta-se no fato de que as mãos do jovem ainda que apareçam em primeiro plano não escondem seu rosto. Na verdade essas deixam sua face no centro da imagem, porém no fundo, uma vez que as marcas mais aparentes que reforçam a expressão "viciado" encontram-se cravadas nas mãos. As mãos também aparentam ser muito grandes. A imagem, além da manchete e do olho da notícia, vem acompanhada de algumas informações a respeito do fato que teria levado à prisão do jovem, salientando que este teria ferido um mecânico em um bairro da cidade de Maringá para roubar uma lata de Thinner. Enfatiza ainda que após o mesmo ter sido apreendido na 9ª Subdivisão de Delegacia Policial, estaria temendo ser morto por rivais, finalizando com a seguinte frase: "Apesar das mãos queimadas pela droga, faz planos de voltar ao vício assim que deixar a cadeia".

Na reportagem do sábado seguinte, 24 de abril de 2004, a foto foi novamente publicada pelo jornal, porém, no interior deste, em tamanho menor, em preto e branco (a fotografia publicada na semana anterior, destaque da primeira página é colorida, como podemos ver acima), acompanhado da manchete: "Consumo de Thinner aumenta

com fácil acesso. Logo abaixo da fotografia apresenta-se a seguinte frase: "Luiz Carlos de Souza mostra as mãos queimadas pelo Thinner". Como se tal atitude fosse um ato espontâneo, o que não parece ocorrer de fato. A reportagem é iniciada salientando a respeito do aumento de ocorrências policiais envolvendo adolescentes e adultos usuários do solvente. Esta reportagem expõe a história de um jovem de 22 anos que teria ferido seu genitor após fazer uso da substância. Logo abaixo expõe novamente a história do jovem de 31 anos, da manchete do dia 17 de abril, afirmando que o mesmo seria viciado em drogas desde os 10 anos de idade. No entanto, a reportagem não menciona outro tipo de droga em momento algum. A ênfase atribuída pela reportagem relaciona o uso desta substância à crescente marginalidade na cidade de Maringá, praticada por adolescentes e jovens.

Destaca-se que as imagens foram publicadas em dois finais de semana, para chamar a atenção para o fato de que a tiragem deste jornal ser maior nos finais de semana, e a possibilidade de propagação de idéias e valores pretendidos pelo jornal ter um maior alcance. Grande parte das reportagens do jornal, desde março de 2004 até o fim do referido ano, questionaram o aumento de população em situação de rua na cidade de Maringá, como a manchete do dia 28 de março destaca: "Mendigos estão mais visíveis". Trazendo ainda o subtítulo: "A presença de mendigos tem incomodado a população..." Nessa mesma página (logo abaixo) há uma reportagem sobre a eleição para escolha dos novos conselheiros tutelares da cidade. Nessa reportagem o destaque principal é dado à crise entre este órgão deliberativo e a Secretaria de Assistência Social de Maringá (SASC). Nessa reportagem há uma imagem que mostra um adolescente



descalço, sentado próximo ao que demonstra ser (pela movimentação dos carros), um sinaleiro, ponto em que crianças e adolescentes passam parte do dia pedindo dinheiro ou vendendo doces (fato também muito anunciado pelo jornal em questão). Faz-se importante considerar que este é um ano eleitoral e o grupo proprietário do jornal defende um grupo político oposto ao que está no poder e que vai tentar a reeleição na cidade.

Dessa forma, neste período, convém divulgar notícias como a de aumento da marginalidade, de crise entre órgãos públicos, de aumento de população em situação de rua, dentre diversas outras possibilidades de reforçar idéias manipuladas. Não está se afirmando que tal agravamento de problemas sociais não esteja ocorrendo, mas o que está em pauta é que essas idéias somente serão divulgadas ao público leitor se for de interesse do grupo ao qual pertence o jornal, sejam estes interesses políticos, econômicos ou outros. Os meios de comunicação têm esse poder de controlar e manipular as notícias e o farão de acordo com seus interesses. No entanto, há de se considerar que este jornal, desde a sua criação, (década de 1970), vem relacionando pobreza e marginalidade, independente da política partidária, conforme comprovam os estudos de Crishna Mirella de Andrade Correa, que analisou o processo de desfavelamento na cidade na década de 1970.

Nesse sentido, cabem ainda algumas considerações a respeito da cidade, para que se compreenda esse contexto mais amplo, no qual as questões aqui discutidas encontram-se inseridas. Fundada em 1947 pela Cia Melhoramentos Norte do Paraná, a cidade de Maringá foi planejada para ser um grande núcleo urbano, deste modo cresceu

rapidamente. A fala a seguir reflete bem essa intenção:

A empresa colonizadora reservava a zona central de sua extensa gleba, um local privilegiado para o estabelecimento de uma cidade que polarizaria a parte mais ocidental de suas terras, dividindo com Londrina a liderança regional; serviria dessa forma, como centro propulsor de progresso para uma vasta e promissora área agrícola (LUZ, 1999, p.10).

A crença na modernidade, na industrialização que constrói cidades planejadas e ordeiras, acaba por traçar também o perfil a quem se destina essa cidade, com certeza não é para um usuário de Thinner, infrator. O espaço desse jovem está delimitado no discurso do jornal, ao sistema prisional. Veja que o jovem, segundo informações do periódico, teria sido apreendido devido ao fato de ter ferido outro jovem para furtar um frasco de Thinner. Ainda conforme a síntese da notícia que acompanha a fotografia, logo na primeira página, a vítima teria sido socorrida, porém, não apresentava "risco de morte". No entanto, o jornal reforça que "Xiru foi preso e agora teme ser morto por rivais". Como quem induz que tal pessoa seria perigosa para o convívio em sociedade, embora essa idéia não esteja explícita no jornal, mas é construída na relação texto/imagem, afirmando ainda que: "Apesar das mãos queimadas pela droga, faz planos de voltar ao vício assim que deixar a cadeia".

Diante dessa questão é importante destacar que o jornal não consiste em um veículo que narra os fatos de uma maneira imparcial, mas "como um agente a olhar e registrar o cotidiano social a partir de valores definidos". Todo jornal tem uma perspectiva que orienta o modo de produzir a notícia, de veicular a informação, de propagar idéias e

valores culturais, “os fatos registrados não se constituem em verdades, mas sim em construções humanas, onde há toda uma subjetividade implícita” (ZANIRATO, 1999, p. 327).

Portanto, as imagens da cidade, a modernidade urbana, seja a representada por fotógrafos ou pintores, são construções humanas, compostas a partir de determinadas visões de mundo. Essas representações fazem parte do contexto em que pessoas que registram tais imagens estão inseridas. Assim, as imagens da cidade, a modernidade urbana não estão apenas restritas ao registro do patrimônio arquitetônico, mas também ao registro da imagem dos sujeitos históricos que vivenciam a confusão dessa modernidade (como é o caso do jovem que teve sua imagem divulgada em “O Diário”).

### Bibliografia

ALVES, Paulo. Experiência de investigação: pressupostos e estratégias do historiador no trabalho com as fontes. In: DI CREDDO, et al. *Fontes históricas: abordagens e métodos*. UNESP: Assis, 1996.

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas: Papyrus, 1995.

ESSUS, Ana Maria Mauad de S. A.; GRINBERG, Lúcia. “O século faz cinquenta anos”: fotografia e cultura política em 1950. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol.

14, nº 27, 1994.

CORREA, C. M. A.; ZANIRATO, Sílvia Helena. Imagens do desfavelamento: discursos e olhares da imprensa maringaense. In: VIII Encontro Regional de História da ANPUH-Paraná. 150 anos de Paraná: história e historiografia, 2004, Curitiba. Anais do VIII Encontro Regional de História da ANPUH-Paraná: história e historiografia. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004, v. 1.

FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam Moreira (orgs). *Desafios da Imagem*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

GROMBRICH, Ernst H. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

LUZ, France. *O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá*. Maringá: s/e, 1997.

MARTINS, Sílvia Helena Zanirato. Imagens da Pobreza Urbana na Imprensa Paulista. O Estado de São. Paulo. 1933-1942. *Diálogos*. Maringá. Pr., v. 3, n. 3, p. 323-340, 1999.

VILCHES, Lorenzo. *La Teoria de la Imagen Periodística*. Barcelona, Paidós, 1993.

ZANIRATO, Sílvia Helena. A documentação fotojornalística na pesquisa histórica. *Trajetos*. Revista de História UFC. Fortaleza: UFC, vol. 2, nº 4, 2005.

### Fonte:

Jornal O Diário do Norte do Paraná: edições dos dias 28 de março, 17 e 24 de abril de 2004.